

03-06-2020

CADERNINHO VERMELHO**Ana Carolina de Oliveira Marques**

[Presidenta da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino. Professora da Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora do Grupo "Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UGF]

Eleita Presidenta do Brasil, após erradicar o analfabetismo, eu proporia a seguinte política pública: distribuição de **caderninhos vermelhos** para cada trabalhadora, cada trabalhador.

Caderninhos vermelhos seriam item de primeira necessidade, comporiam a cesta básica e estampariam *outdoors* pelas cidades e campos: "**Cuide de si e do seu caderninho vermelho**". Sugeriria acréscimos na constituição: todos os cidadãos têm direito a **caderninhos vermelhos**.

Longe de uma hierarquização entre o letramento e a oralidade, defendo o direito à escrita, prática socialmente produzida, aperfeiçoada e estudada.

Foi na investigação da antiguidade greco-romana, que o filósofo que nos deixou um brevíssimo tratado sobre a "escrita de si" encontrou um modo de compreender a escrita para além da grafia de signos em um suporte. A escrita para os romanos servia aos "cuidados de si", à construção de uma "vida estilística", à "estetização da existência". Obrigada, Foucault (2004).

Ganhei o meu primeiro **caderninho vermelho** em abril de 2014. Ingressava no doutorado sob a orientação do professor, escritor e defensor do direito humano à escrita, Eguimar Chaveiro. Um ritual de boas-vindas aos ingressos na pós graduação.

Poucos, porém, assimilavam o ato como convite à disciplinarização da memória e da escuta, à organização do pensamento, à "ruminação" - obrigada, Nietzsche (1987) - dos fragmentos de leitura e falas que circulam no ambiente acadêmico e fora dele. Eguimar anda religiosamente acompanhado de seu **caderninho vermelho**. Nele, realiza anotações variadas: trechos de livros, palestras proferidas e assistidas, *insights*, haicais, rabiscos pornográficos, bilhetes, esquemas, mapas conceituais, poemas, projetos. Não raro, na companhia de amigos, extrai do **caderninho vermelho** alguma crença popular, princípio filosófico ou aforisma psicanalítico, fonte de conselhos para o enfrentamento de situações que vão desde rompimentos matrimoniais a dietas alimentares balanceadas em ferro.

Mas não se enganem: o **caderninho vermelho** não é um livro de receitas. Não é prescritivo.

Pelo contrário. Assim como os romanos, Eguimar entende a escrita como modo de subjetivação.

Prática pela qual o sujeito que escreve se compõe, reconhece-se uma combinação singular de fragmentos do Outro, reivindica uma vida autoral.

Os trabalhadores de meu país, habituados à leitura e à escrita, levariam consigo o **caderninho vermelho** para os locais de trabalho, de moradia, de lazer; para o hospital, o banco, a conversa com o patrão e a visita aos museus. Todos os dias fariam a releitura de seus escritos, demorando-se em pelo menos um deles com interrogações e associações com as notas passadas.

Dali, resultariam princípios de vida: uma vida como experimento ético-político. Além de levar à falência a indústria da auto ajuda, pois prescritiva e não autoral/experimental, no meu país os trabalhadores anotariam as promessas de campanha, o preço do pão e do gás, os "favores" não remunerados pelos patrões, a cor e gênero das vítimas de homicídios no seu bairro, as permanências e rupturas das condições de vida geracionais, as repetências escolares, o que o espelho lhe revelasse. Cada **caderninho vermelho** representaria um "itinerário humano" - sim, Miguel Arroyo (2017) - que ilustraria as condições históricas de segregação em que vivem certos coletivos sociais, e as identidades negativas que lhes foram imputadas. Seria documento do modo como "os seres humanos estão sendo no mundo", não é mesmo Paulo Freire (2017)? Por falar em educação, os **caderninhos vermelhos** ditariam os conteúdos da Base Nacional Curricular CRÍTICA (BNCC) e inspirariam peças de teatro, filmes, músicas, grafites, danças.

Nas oficinas pedagógicas, **caderninhos vermelhos** retornariam à substância de que são feitos/escritos: corpos, linguagens de corpos, pensamentos de corpos, sonhos de corpos. As marchas de trabalhadoras e trabalhadores em luta por direitos seriam vistas de cima como multidões vermelhas, caderninhos erguidos ao som de: "**Sabemos quem somos, como viviam os nossos antepassados, o que produzimos, quem nos violenta, como queremos viver!**"

Nosso **caderninho vermelho** simboliza nossa consciência, nossa utopia e nossa liberdade". Por hoje, é só. Esta crônica inacabada vai para o meu **caderninho vermelho**, na seção "País em construção".

■ ■ ■

Citações

- ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Editora Vozes Limitada, 2017.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. O que é um autor, v. 6, p. 129-160, 2004.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. - 64 ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. Trad. Paulo C. de Sousa. SP: Brasiliense, 1987.

OBS: Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.